

A beleza dos reencontros

Na linha cronológica da vida, o passado é o único produto imutável do tempo. Encontrar desconhecidos pode ser bom, mas reencontrar conhecidos de décadas pode ser melhor ainda. No início dos anos 1990, as músicas, os passos de dança e os carros eram quase que um convite. Para muitos, uma época de ouro. Neste momento, nascia o grupo de amigos Sandubas (@sandubas25), no Gama. Naquele período, criaram uma festa intitulada “comemorando nada”, um evento que cresceu organicamente, na famosa Praça Sandubas — nome de uma lanchonete próxima ao local.

Assim, durante um bom tempo, essa festa se repetia de maneira frequente na região. Amigos de escola, conhecidos da vizinhança e muitos outros se faziam presentes. Ricardo Patrão, 52; Luiz Henrique Machado, 50; e Sidney Miranda, 52, são alguns dos nomes que compareciam nos eventos. Eles recordam que era tudo incrível, até o dia que deixou de existir. “A gente passava a semana toda na expectativa de chegar o fim de semana para vir para cá. Era o nosso ponto de encontro real”, relembra Sidney.

Entre uma arrancada e outra, o destino era o balcão do Sandubas, onde o dinheiro contado comprava sanduíches batizados com nomes de celebridades, como o famoso “Fafá de Belém”, acompanhado de creme de morango. Depois de mais de três décadas, era necessário voltar ao começo. Como fazer isso? Eles não sabiam, mas queriam. Assim, em 2025, vieram cinco encontros para lá de especiais, na mesma praça, com rostos conhecidos e as famílias que nasceram com a distância dos anos.

A ideia original era uma festa fechada, mas a falta de espaço e a urgência da despedida de um amigo que mora fora levaram o grupo de volta às origens. O local, que foi o epicentro da vida social juvenil da região nas décadas de 1980 e 1990, voltou a pulsar. “A nossa proposta é justamente trazer aquele momento áureo para cá. Todo mundo meio que largou o celular e ficou batendo papo”, afirma Luiz Henrique.

Sucesso na Praça

A organização foi um fenômeno digital que transbordou para o físico. Em apenas 17 dias, o grupo de



O Sandubas é um reencontro e encontro de amigos e desconhecidos

WhatsApp atingiu um volume de mensagens tão alto que a plataforma chegou a bloquear o serviço temporariamente. “Esperávamos 300 pessoas antes do primeiro encontro. Passaram mais de 1.200 pelo dia”, conta Ricardo. O encontro foi tão impactante que moradores locais colocaram mesas nas calçadas para participar, e amigos vieram de outros estados e até do exterior.

Para Sidney, o sentimento é de que o tempo não passou: “A amizade é a mesma. Teve gente que falou que não se via há 40 anos. É como se a gente não tivesse desconectado”, complementa. O sucesso do evento, batizado de Sandubas25, não deve parar por aqui. Os organizadores já têm datas marcadas para 2026 e 2027. A reunião deste ano deve ocorrer em junho. Mais do que um evento isolado, o grupo espera que a iniciativa inspire outras cidades, como Guará, Taguatinga e Ceilândia, a resgatarem seus pontos de encontro históricos.

E, mesmo com a velocidade da rotina, tentam se

encontrar esporadicamente para colocar o papo em dia. Entretanto, é realmente a festa e a saudade de um tempo que não volta que realmente movem esse grupo apaixonado pela nostalgia. Para os organizadores, reviver esse período é também celebrar uma época em que a conexão era feita sem telas. “Sobrevivemos tranquilamente sem celular”, brinca Luiz Henrique. Ele recorda as tardes passadas gravando fitas cassete para copiar o disco de um amigo, já que os vinis eram caros. “Era a época do freestyle, do dance e dos passinhos nas boates do Gilberto Salomão.”

Essa estética dominou o reencontro recente. No Sandubas25, o público não economizou no estilo: camisetas da grife Company, bonés da marca Redley e os eternos tênis All-Star compuseram o visual de quem queria viajar no tempo. No som, um DJ voluntário garantiu a trilha sonora que definiu a geração: o rock de Brasília com Legião Urbana, Capital Inicial e Paralamas do Sucesso, além de Titãs e Barão Vermelho. “É como se não tivéssemos desconectado. A amizade e o carinho são os mesmos, como se nada tivesse passado”, finaliza Luiz Henrique.